

**Coleção Culturas Estelares
volume 9**

**GUAZÚS,
CERVÍDEOS PINDORÂMICOS**



**Autores
Paulo Henrique Colonese
João Gabriel Souza da Silva
Izabela Cristina Bittencourt Rodrigues**

**Fiocruz-COC
2026**

Coleção Culturas Estelares
volume 9

GUAZÚS,
CERVÍDEOS PINDORÂMICOS

Autores

Paulo Henrique Colonese
João Gabriel Souza da Silva
Izabela Cristina Bittencourt Rodrigues

Fiocruz-COC
2026



Licença de Uso.

O conteúdo dessa obra, exceto quando indicado outra licença, está disponível sob a Licença Creative Commons, Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

Mario Santos Moreira

Diretor da Casa de Oswaldo Cruz

Marcos José de Araújo Pinheiro

Chefe do Museu da Vida

Luis Henrique Amorim

Serviço de Itinerância

Fernanda Marcelly de Gondra França

Lais Lacerda Viana

Marta Fabíola do V. G. Mayrink (Coordenação)

Monica Merola Azevedo

Paulo Henrique Colonese

Thaíssa Alice Rosa de Medeiros

Vanessa Cristina da Silva Ferreira

Concepção da Coleção

Ana Carolina do Amaral Pitta

Bruno Henrique Gonçalves de Oliveira

Caroline Ribeiro Almeida

Izabela Cristina Bittencourt Rodrigues

Paulo Henrique Colonese (Coordenação)

Autores

Paulo Henrique Colonese

João Gabriel Souza da Silva

Izabela Cristina Bittencourt Rodrigues

Ilustração - Poster Ema Terrestre

Caio Baldi

Poesias

IA, Microsoft Copilot, edição de Paulo Henrique Colonese.

Apoio Administrativo

Fábio Pimentel

Mídias e Divulgação

Tatiane de Oliveira Lima

Captação De Recursos

Escritório de Captação da Fiocruz

Gestão Cultural

Sociedade de Promoção Sociocultural da Fiocruz

Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel

C719g

Colonese, Paulo Henrique.

Guazús, cervídeos pindorâmicos / Paulo Henrique Colonese; João Gabriel Souza da Silva; Izabela Cristina Bittencourt Rodrigues. — Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2026. (Coleção Culturas Estelares; v. 9).

120 p. ; il.

Modo de acesso: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes>>.

ISBN 978-65-84029-26-2 (e-book)

1. Cervídeos. 2. Fauna sul-americana. 3. Cosmologias indígenas. 4. Biodiversidade. 5. Cultura indígena. I. Silva, João Gabriel Souza da. II. Rodrigues, Izabela Cristina Bittencourt. III. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida Fiocruz. IV. Ciência Móvel. V. Título. VI. Série.

CDD – 599.735

Catálogo na fonte: Beatriz Schwenck – CRB7/5142.

**MINISTÉRIO DA CULTURA E
MUSEU DA VIDA FIOCRUZ
apresentam**

ARTE E CIÊNCIA SOBRE RODAS

Coleção Culturas Estelares

Esta coleção é um produto cultural do Projeto Arte e Ciência sobre rodas, 2024-2026, aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura.



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Patrocínio

TOYOTA



sanofi



Abbott

Gestão Cultural

Realização



**Sociedade
de Promoção
Sociocultural
da Fiocruz**



**museudavida
FIOCRUZ**



**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



GOVERNO FEDERAL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Dedicamos essa coleção aos **povos indígenas** e a todos que defendem a preservação do patrimônio cultural (material e imaterial) e a restauração dos ecossistemas.

Em especial, ao grande mestre da Astronomia Indígena **Germano Bruno Afonso (1950-2021)**.

SUMÁRIO

Cervos e a Década da Restauração dos Ecossistemas	07
Cervos em Cosmopercepções Pindorâmicas	10
O caminho de Mazatl , o cervo do tempo Azteca	11
Quando Manik' caminha entre os Mundos Maias	13
Taruka e o mundo Kai Pacha Inca.	16
O caminho de Huemul , o cervo andino patagônico.	21
Cervídeos por naturalistas e colonizadores europeus	26
O naturalista argentino Don Félix de Azara Y Perera	27
Nomes Indígenas no Brasil	31
Quem nos classificou cientificamente?	36
Gouazou-pucú, o cervo do Pantanal.	38
Gouazou-pita, o veado vermelho.	40
Gouazou-ti, o complexo de pequenos cervos.	48
Gouazou-bira, os veados campeiros.	54
Nossas Bioidentidades	58
E não esqueçam de mim, o cervo de cauda branca!	60

Cada Cervo, uma História	63
A história de Guazu-Birá (<i>Ozotoceros bezoarticus</i>)	64
A história de Guazü-Pucú (<i>Blastocerus dichotomus</i>)	76
A história de Guazü-Pitá (<i>Mazama americana</i>)	88
A história de Guazú-Ti (<i>Mazama nemorivaga</i>)	96
A história de Guazú-Ti (<i>Mazama gouazoubira</i>)	104
PARA SABER MAIS	100
AUTORES	



Imagem realista com uma composição de cinco espécies de cervídeos da América do Sul, criada por IA Microsoft Copilot.



OS CERVOS E A DÉCADA DA RESTAURAÇÃO DE ECOSISTEMAS

OS CERVOS E A DÉCADA DA RESTAURAÇÃO DE ECOSISTEMAS

Um elo essencial para a biodiversidade

Era uma vez um ambiente que estava tentando se curar. Por muitos anos, árvores foram derrubadas, rios ficaram poluídos e muitos animais tiveram de ir embora. Mas algo especial ainda resistia ali: os cervos.

Com passos leves e olhar atento, os cervos caminham pelas matas, campos e cerrados do mundo. Para muita gente, eles parecem apenas animais bonitos e calmos. Mas, na verdade, os cervos são verdadeiros **cuidadores da natureza** e, em muitas culturas, **guardiões do tempo e das memórias**.

Os cervos ajudam os ecossistemas de várias formas. Ao se alimentarem de folhas, brotos e frutos, eles controlam o crescimento das plantas, evitando que uma única espécie domine o ambiente.

Quando caminham, espalham sementes presas ao pelo ou que passam pelo sistema digestivo, ajudando novas plantas a nascerem em lugares diferentes.

Além disso, os cervos fazem parte da cadeia alimentar. Grandes predadores dependem deles para sobreviver.

Quando os cervos desaparecem, todo o equilíbrio da natureza pode ser afetado, como um dominó que cai peça por peça.

Um elo essencial para a Biodiversidade

De 2021 a 2030, o mundo vive a **Década da Restauração de Ecossistemas**, uma iniciativa global que busca recuperar florestas, rios, oceanos e solos degradados. E é aqui que os cervos importam.

Quando áreas naturais são restauradas, os cervos estão entre os primeiros animais a retornar. A presença deles é um sinal de que o ambiente está se recuperando, são **BioIndicadores**. Eles ajudam a manter a diversidade de plantas, abrem caminhos naturais na vegetação e facilitam o crescimento de novas espécies.

Cada ser vivo importa. Proteger a natureza não é apenas salvar animais, mas cuidar das relações invisíveis que mantêm toda a vida no planeta.

Você pode participar de projetos ambientais, apoiar áreas protegidas, aprender sobre a fauna e flora locais e compartilhar esse conhecimento. Pequenas atitudes, quando somadas, fazem uma grande diferença.

Na floresta, na mata, nos campos, os cervos continuam caminhando. Onde antes havia silêncio, agora se ouvem pássaros. Onde a terra estava seca, brotos verdes surgem. Eles não fazem isso sozinhos — a natureza é um trabalho em equipe.

Os cervos são um elo essencial dessa corrente chamada biodiversidade.

E vocês, a esperança para que essa corrente nunca se quebre.

**CERVOS EM COSMOPERCEPÇÕES
PINDORÂMICAS**



O CAMINHO DE MAZATL, O CERVO DO TEMPO AZTECA

No começo do mundo, quando o Sol ainda aprendia a andar pelo céu, os deuses criaram o **tempo** para que tudo pudesse se mover. O tempo não era uma coisa parada. Ele corria, respirava e escutava.

Para carregar esse tempo pela terra, os deuses criaram **Mazatl**, o cervo.



Mazatl nasceu leve. Seus passos não quebravam os galhos nem acordavam a terra.

Onde ele passava, o chão sentia vida.

Ele corria entre as montanhas, os campos e as florestas, ligando tudo: o dia à noite, a seca à chuva, a vida à morte.



Mazatl não falava com palavras.

Ele falava com o movimento.

Quando Mazatl parava, o mundo parava um pouco também.

Quando Mazatl corria, o mundo seguia.

Os deuses sabiam que os humanos seriam feitos de carne, coração e desejo. Por isso, pediram a **Tlazolteotl**, deusa da Terra Viva, que ensinasse Mazatl a carregar o peso do desejo.



Tlazolteotl disse ao cervo:

“Tu corres livre, Mazatl, mas todos te desejam. Alguns vão te caçar. Outros vão te admirar. Esse é o caminho da vida.”

Mazatl entendeu. Ele aprendeu que o desejo não é erro — é força. Mas quem corre sem olhar, pode se perder.

Quando os humanos surgiram, aprenderam a caçar.

Mas os deuses ensinaram:

“Não esqueçam: quando caçarem o cervo, estão tocando o coração do mundo.”

Quando um caçador seguia Mazatl, não era só caça. Era um encontro com o destino. Se o cervo se deixava alcançar, era porque o tempo tinha decidido. Se escapava, era porque ainda não era a hora.

Ao cair, Mazatl não morria de verdade.

Ele voltava para o chão, virava força, chuva, milho, respiração.

Os deuses colocaram Mazatl no **tonalpohualli**, o **calendário sagrado**, para lembrar aos humanos que tudo corre, tudo volta e nada fica parado. Até hoje, dizem os anciões, quando o vento passa rápido entre as árvores, é Mazatl correndo.

Ele lembra ao mundo que:

Viver é mover-se. Desejar é correr.



Veado e caçador.
Codice Florentino.

(Narrativa ficcional sobre a cosmopercepção Azteca de Mazatl, o cervo).

QUANDO MANIK' CAMINHA ENTRE OS MUNDOS MAIAS

Quando o céu ainda conversava com a terra sem intermediários, e o chão respirava junto com as estrelas, **Manik'** caminhava pela floresta como quem conhece todos os caminhos. Ele não pertencia apenas à mata, nem apenas aos humanos. Seus cascos tocavam a terra cultivada e o coração da floresta com o mesmo cuidado. Onde ele passava, o mundo permanecia em equilíbrio.

Os antigos diziam: *“Manik' não foge, ele escuta.”*

Escuta o canto do vento que desce do céu,
Escuta o murmúrio do submundo sob as raízes profundas,
Escuta o passo humano antes mesmo de ser dado.

Quando o mundo foi estendido nos **quatro cantos** do espaço, foi o Cervo quem se colocou no centro, não como dono, mas como **sustentador**. Seus quatro movimentos correspondiam às direções: leste, oeste, norte e sul. Cada passo era um pedido para que o mundo não tombasse.

Quando chega o **dia Manik' (Kej)** no calendário sagrado, os guardiões do tempo lembram:

“Hoje é o dia da mão que sustenta, não da mão que possui.”

O cervo ensina que a força verdadeira é aquela que **mantém**, não a que domina.



O glifo maia do cervo não é chifre, é uma mão aberta, nunca fechada.



**Veado preso durante caçadas.
Códice de Madrid, pág. 46**

Os maias evitam oportunidades de matar animais, a fim de garantir uma caça melhor posteriormente... suas regras para a caça são as seguintes:

- 1. Não mate um animal a menos que tenha um bom motivo.**
- 2. Não leve para alimentação mais do que você precisa para si mesmo, sua família imediata e vizinhança.**
- 3. Não abata muitos animais de uma só vez.**
- 4. Não mate mais do que um pequeno número de animais por ano.**
- 5. Tente minimizar o abate de animais em idade reprodutiva. Se matar acidentalmente uma mãe com crias, tente capturar as crias e criá-las.**
- 6. Não deixe um animal ferido morrer e ser desperdiçado.**

Fonte: *Animais e os Maias no Sudeste do México*, de EN Anderson e Felix Medina Tzuc, University of Arizona Press, 2005, pp. 71-72.

Quando humanos precisam caçar, devem antes falar com o espírito do cervo. Não para pedir perdão, mas para pedir **equilíbrio**, pois tomar sem devolver quebra o fio invisível que mantém o mundo inteiro respirando.

Assim, após a morte, vinham as palavras, as oferendas, o silêncio respeitoso. O cervo não morria como presa: **retornava ao ciclo**.

As galhadas do cervo caem e, depois, renascem.

Assim é o tempo. Nada acaba: transforma-se.

O que hoje se recolhe, amanhã cresce.

O que hoje se oculta, em outro giro do tempo reaparece.

Ele caminha com leveza porque sabe que o mundo não é linha, mas círculo.

Em certos dias, o Cervo aceita caminhar dentro do corpo humano.

Na **Dança do Cervo**, o dançador não imita, ele se torna passagem.

Ao vestir a cabeça do animal, abandona seu nome, seu tempo, seu ego.

Seu corpo lembra o que o mundo esqueceu: que humano e floresta já foram uma coisa só.

O público não assiste. Participa.

Porque ali se repete o pacto antigo entre o povo, a terra e o invisível.

Quando o Cervo atravessa teu caminho nos sonhos, no tempo, ou na memória, ele não traz pressa. Traz perguntas:

O que você está tomando sem devolver?

Em qual parte do mundo você deixou de escutar?

Seu passo ainda sustenta a terra?

Enquanto o Cervo caminhar entre os mundos,

o cosmos permanecerá inteiro.

(Narrativa ficcional sobre a cosmopercepção Maia de Manik', o Cervo).



Taruka (*Hippocamelus antisensis*). © Iarsonek, Peru, 2022. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Bastão de cervo (*Hippocamelus antisensis*, taruka). Séc. XV-XVI, Peru. Cultura Inca. Coleção Memorial Michael C. Rockefeller. Acervo Metropolitan Museum of Art. Domínio Público.

TARUKA E O MUNDO KAY PACHA INCA

Antes que os caminhos de pedra serem abertos e antes dos humanos aprenderem a contar o tempo com nós, **Taruka**, o cervo andino, nas línguas quéchua e aimará, já caminhava pelas montanhas.

Ele não vivia no céu, pois não carregava mensagens para os deuses. E não habitava as profundezas, onde dormem os ancestrais.

Taruka pertencia ao **Kay Pacha**, o mundo do agora, o único lugar onde tudo pode se perder ou se manter.

Kay Pacha é como uma trilha estreita: um passo errado e a montanha engole quem caminha e, por isso, Taruka foi criado.

Taruka escolheu viver onde o ar falta e o corpo precisa aprender a escutar. Nas encostas altas, entre rochas e névoa, ele aprendeu a ler a montanha: saber quando avançar, quando parar, quando desaparecer.

Ele ensina que nem sempre ficar é coragem. Às vezes, permanecer demais é a maior arrogância.

Quando o humano subiu demais, quando esqueceu de pedir permissão à Pachamama, quando abriu caminhos sem descanso, Taruka se retirou. E sua ausência foi o primeiro aviso.

Os Incas sabem que o mundo não se sustenta sozinho.

O **Hanan Pacha** permanece no alto, sólido como o Sol.

O **Uku Pacha** guarda o passado, profundo e silencioso.

E **Kay Pacha** — o mundo dos vivos — depende do equilíbrio diário.

Por isso, nenhum animal ali existe por acaso.

Taruka não governa, ensina limites.



Garrafa com bico em forma de estribo e desenho de cervo cauda branca, reconhecível pelas marcas em sua pelagem. Cerâmica. 500–800 d.C. Peru. Cultura Moche. Acervo Metropolitan Museum of Art. Domínio Público.

Taruka conhecia o **Ayni** – o princípio de que as **pessoas se ajudam** mutuamente, antes mesmo que os humanos o nomeassem.
Ele só toma da terra o que pode devolver ao caminhar.
Quando bebe água, não suja a fonte.
Quando pisa a relva, não a destrói.
Quando foge, não humilha o caçador.
Por isso, sua caça sempre foi rara, controlada e cerimonial.
Matar Taruka sem necessidade não quebra apenas uma vida —
quebra a **confiança do mundo**.
E o mundo, quando traído, responde com escassez.

Há um ensinamento que Taruka conhece bem:
“Sobrevive quem sabe ir embora.”
Ele não enfrenta o excesso, não desafia o desequilíbrio.
E some, para que o erro humano se revele sozinho.

E quando Taruka deixa a montanha, a terra adoece.
Os pastos secam, as chuvas erram o caminho,
e os humanos começam a perguntar onde erraram.
Esse é o papel de Taruka: não punir, mas mostrar as **consequências**.

Os anciãos dizem que, se Taruka voltar a caminhar livre pelas alturas,
será sinal de que o mundo do meio está novamente respirando.
Até lá, sua imagem vive na memória das montanhas.
Ele sussurra a quem sabe escutar:
Fique apenas enquanto for justo.
Use o que precisa, não o que deseja.
O presente é frágil demais para ser conquistado.

(Narrativa ficcional sobre a cosmopercepção Inca de Taruka, o cervo).



Huemuls e Guanacos representados na Cueva de las manos,
Santa Cruz, Patagônia. Pinturas da caverna datadas de 7300 a.C. a 700 d.C.

O CAMINHO DE HUEMUL, O CERVO ANDINO PATAGÔNICO

Quando o mundo ainda aprendia a respirar, a terra da Patagônia era jovem. As montanhas não sabiam ainda onde repousar, os ventos corriam sem direção, e os rios buscavam nomes enquanto desciam. Foi nesse tempo antigo dos povos **Aónikenk** (chamados **tehuelche** por colonizadores), quando os animais falavam e os espíritos caminhavam visíveis, que **Elal** começou a pôr ordem no que era disperso.

Elal é o responsável por **organizar o mundo e ensinar os humanos a viver nele**. Mas, os primeiros seres a acompanhá-lo não foram os humanos, e sim os animais. E, cada um trazia um saber.

O guanaco ensinava a resistência, o puma ensinava o limite, as aves conheciam os caminhos do céu. Mas havia um ser que caminhava sem ser visto, que atravessava o bosque como se fosse feito de neblina: **Huemul**, o cervo andino patagônico.

O cervo não falava alto, nem disputava espaço.

Ele conhecia os lugares onde a floresta termina e a estepe começa, onde a pedra encontra a raiz, onde o mundo de cima escuta o mundo de baixo.

Elal nunca lhe pediu força nem velocidade, pediu apenas que caminhasse.

E o cervo caminhou.

Onde seus cascos tocavam a terra, a terra aprendia a suportar o peso sem se ferir. Onde seus olhos atentos repousavam, o silêncio se tornava um tipo de palavra.



Desenho do explorador e escritor britânico Hesketh Vernon Hesketh-Prichard (cerca de 1900) ilustrando a docilidade de Huemul (*Hippocamelus bisulcus*), uma das causas de seu declínio precoce.



Cervo andino da Patagônia (*Hippocamelus bisulcus*). © wp-polzin.
Torres del Paine, Chile, 2019. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Ele não marcava território; ele **reconhecia** o território.

O cervo é um **guardião** de passagens sensíveis que só se abrem para quem caminha com respeito. Por isso, não se caça o cervo como se caça outros animais. Encontrá-lo era sinal de equilíbrio. Persegui-lo sem necessidade era quebrar uma conversa antiga entre os humanos e a terra.

Os **Mapuche** dizem que o cervo caminha no **Nag Mapu** (Mundo do Meio, terrestre), levando mensagens que vinham do **Wenu Mapu** (Mundo de Cima, ancestral), e que seus passos evitavam as fendas do **Minche Mapu** (Mundo de Baixo, profundezas). Seu corpo pertencia à terra, mas seu cuidado vinha de outros planos. Era um animal do meio, o mundo sagrado de Nag Mapu.

Quando os humanos surgiram, aprenderam observando. Aprenderam que não se entra na floresta de qualquer jeito. Aprenderam que o silêncio também ensina. Aprenderam que sobreviver não é dominar, é **pertencer**.

Com o passar do tempo, o mundo mudou. Vieram cercas, ruídos, pressa. O cervo começou a desaparecer dos caminhos e os anciãos entenderam que não era apenas um animal que se afastava — era o equilíbrio que se rompia. O cervo nunca foi apenas um animal. Ele é a memória viva de como se habita um mundo sem feri-lo.

(Narrativa ficcional sobre a cosmopercepção Mapuche de Huemul, o cervo).

Cervo andino da Patagônia (*Hippocamelus bisulcus*). © nicoflammeus.
Chile, 2025. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.





General Research Division, The New York Public Library Digital Collections. "Veado dos Pampas" Richard Lydekker, 1898.

**CERVÍDEOS POR NATURALISTAS E
COLONIZADORES EUROPEUS**

O NATURALISTA ARGENTINO FÉLIX DE AZARA Y PERERA

Nas terras de Pindorama, tenho **nomes ancestrais** registrados por colonizadores europeus que nos conheceram aos poucos.

Um dos primeiros a descrever e conhecer nossos nomes ancestrais foi o naturalista espanhol **Félix de Azara Y Perera** (1742–1821) em 1801, que registrou as seguintes espécies:

GOUAZOU-POUCOU ou **GÜAZÜ-PUCÚ**, o grande cervo

“Os Guaranis chamam de Gouazoupoucou (**grande cervo**), e os espanhóis de cervo, talvez porque imaginem que seja do mesmo tipo que o da Espanha; mas estão enganados, pois, deixando de lado o tamanho, o local onde vive e sua **galhada ramificada** (chifres), o Gouazoupoucou faz um filhote, que não tem as manchas brancas do pequeno cervo europeu”.

GUAZÚ-TI ou **GOUAZOU-TI** ou **GOUAZOUY**, o cervo branco

“Os Guaranis o chamam de Gouazouti (**cervo branco**), aludindo ao fato de que suas partes inferiores serem brancas, e que o restante é mais claro do que em todas as outras espécies. Outros o chamam de Gouazouy (**pequeno cervo**), em contraste com o Gouazoupoucou. (...) o Gouazouti se aproxima do corço europeu mais do que de qualquer outro animal.

Eles habitam os **campos livres** do Paraguai até a Costa da Patagônia. Ele é o mais desperto, leve e rápido... Quando um macho adulto está no período de reprodução, ele exala um **cheiro terrível**, que me incomodou a quatrocentos passos na época do rugido”.

GOUAZOU-PITA, veado mateiro ou veado-vermelho

“Essa palavra significa **cervo vermelho**, assim chamado porque é realmente dessa cor. (...) Embora leve, logo se canse e o capturamos com bolas, cadarços e cães, quando ele sai da floresta, e no resto do ano com tiros, esperando por ele na luz além da Lua nos chacarras (chakra, campos cultivados) frequentados por sua trajetória, que é mais aberta do que a das outras espécies”.

GOUAZOU-BIRA, veado de couro bom

“Esse é o nome dado pelos Guaranis; e tudo o que disse sobre o Gouazoupita deve ser repetido aqui sem subtrair uma palavra. Devo acrescentar apenas que o couro do Gouazoubira é considerado o melhor para polir”.

Azara descreveu com detalhes muitas espécies de mamíferos, incluindo cervídeos, e seus hábitos, corrigindo erros de outros naturalistas, como Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788).

Os primeiros naturalistas cometeram muitos erros pois sempre nos comparavam a espécies europeias, e poucos tinham realmente experiência de campo- o que os fazia ter uma visão eurocentrada. Charles Darwin, ao ler as obras de Azara, antes e durante sua viagem no *Beagle*, encontrou nelas uma base confiável para comparar com as suas próprias observações na viagem.

Azara registrou os nomes guarani, o comportamento e a distribuição dos cervos que ele conheceu.

Darwin valorizou essa abordagem, pois mostrava a **importância da observação local** e da **integração cultural na ciência**.

Azara criticava generalizações feitas por naturalistas europeus sem experiência de campo.

Darwin adotou essa postura, preferindo dados diretos e observações práticas para formular suas ideias evolutivas.

As descrições de variações geográficas e adaptações ambientais de Azara ajudaram Darwin a refletir sobre a seleção natural e a diversidade de espécies.

Darwin cita Azara em “A Origem das Espécies” e em seus diários de viagem no Beagle.



Don Félix de Azara por Goya, 1805.
Acervo [Wikipedia](#). Licença CC0.

Resumindo o que **Felix Azara** registrou, temos:

Guazú Pytã (Gouazoupita, *Grande caça vermelha*)

Veado-mateiro ou veado-vermelho.

Vive em florestas densas

Pelagem avermelhada, porte médio, de 20 a 30 kg, chifres simples e curtos, não tem pernas brancas,

Guazú Pucú (Gouazoupoucou, *Grande caça comprida*)

Cervo-do-pantanal. Vive em áreas alagadas e pantanais.

Maior cervo sul-americano, com até 150 kg, pelagem castanho-escuro, pernas longas com tufos pretos, adaptado a ambientes alagados.

Guazú-Ti (Gouazouti, *grande caça pequena*)

Veado-cinza ou veado-branco *ou veado-roxo*.

Vive em áreas de transição entre mata e campo

Menor porte, pelagem acinzentada.

Guazú Birá (Gouazoubira, *Grande caça, cervo*)

Veado-campeiro

Vive em campos abertos e cerrados.

Pelagem castanha clara, porte médio, de 20 a 40 kg, pernas internas brancas, manchas brancas na garganta e cauda.

Ele identificou quatro grandes grupos de cervídeos, cada um adaptado e conectado a um tipo de ambiente. Suas descrições e registros culturais e geográficos são pioneiros e muito preciosos.

NOMES INDÍGENAS NO BRASIL

No Brasil, existe uma diversidade de nomes indígenas, associados a diferentes troncos e famílias linguísticas.

Tronco Tupi-Guarani (costa atlântica, sul e sudeste, Paraguai)

Guasu / guaçu / guaçuĩ - cervo, veado grande

Usado em tupi antigo, guarani clássico e moderno, *guasu* significa “grande” para mamíferos grandes. Registrado em: Léon Cadogan, *Diccionario Mbya-Guaraní, Ayvu Rapyta* ; Padre Antonio Ruiz de Montoya, *Tesoro de la Lengua Guaraní* e Curt Nimuendajú.

Guasu pytã - veado vermelho

Referente especialmente para o veado-mateiro (*Mazama americana*). Usado por povos Mbya-Guarani, Kaiowá, Ñandeva. Citado em Cadogan, *Aves y almas de difuntos... e Germano Afonso em Registros etnográficos do Guairá*

Guasu tatá - veado de fogo

Com uma dimensão mítica e espiritual, associado a seres da mata, e provas ao caçador, de caráter cosmológico. Associado a narrativas tupi-guarani e à figura do Anhangá.

Tronco Macro-Jê (Kaingang, Xavante, Kayapó/Mebêngôkre)

kren / krẽ - veado

Usado por povos Kaingang associado ao veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*). Documentado em vocabulários Kaingang: Egon Schaden e na ISA / PIB Socioambiental.

mĩrã̃n / miran - veado da mata

Usado pelo povo Mebêngôkre (Kayapó), associado à caça nobre e ritualizada. Registrado em Dicionários Kayapó e Estudos etnozoológicos do Xingu.

Família Aruak (Arawak) – Centro-Oeste e Amazônia

wĩra / wirá - veado

Usado por povos Baniwa, Paresi e Terena (com variações fonéticas) para distinguir cervos de antas e queixadas. Fontes: Dicionários missionários e linguísticos Aruak e Catálogo de Materiais Lexicográficos das Línguas Indígenas do Brasil.

Família Yanomami (Norte Amazônico)

Yaro – animal de caça

Usado como um termo amplo que inclui veados, os Yanomami classificam menos por espécie e mais por função cosmológica. Entre os Yanomami, o cervo não é apenas “animal”, mas pode ser corpo temporário de espíritos (*xapiripë*). Documentado por: Jacques Lizot e Instituto Socioambiental (ISA)

Famílias Caribe e outras da Amazônia

wai / uai – veado

Usado por povos Wai-wai, grupos caribes do norte no contexto de caça e mitológico. Indicado em registros comparativos do norte amazônico.

Família Ye'pâ-Masa (Tukano Oriental, Alto Rio Negro)

bíri / biri - veado (uso geral)

Referente a cervídeos amazônicos, sobretudo veados do gênero *Mazama* (veado-mateiro)

Fonte: Henri Ramirez. *A fala tukano dos Ye'pâ-masa – Tomo II: Dicionário*, 1997.

bíri-pĩ / biri-pĩ -veado da mata

Referente: veado-mateiro vermelho (*Mazama americana*), diferencia o veado florestal dos animais de campo aberto.

Fonte: Henri Ramirez. *A fala tukano dos Ye'pâ-masa. Tomo II: Dicionário*, 1997.

bíri-sũ / biri-sũ - veado grande

Provável associação ao veado-galheiro (*Odocoileus virginianus*), mais raro no Alto Rio Negro, mas registrado atualmente em Roraima, usado como uma categoria mais ampla.

Fonte: Henri Ramirez. *A fala tukano dos Ye'pâ-masa. Tomo II: Dicionário*, 1997.

bíri mahsa - gente-veado.

Na cosmologia tukano, os veados não são apenas “animais de caça”. Eles pertencem à categoria dos seres criados (gentes) originalmente pelos avôs-ancestrais, durante o tempo mítico da Canoa de Transformação.:



Filhote de Veado-mão-curta (*Mazama nana*), © Gabriel Broering Rohden, Rio Grande do Sul, 2025. Acervo iNaturalist. Licença: [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os nomes indígenas influenciaram diversos nomes populares, utilizados em diferentes regiões, tais como:

Suaçu-etê (ou Suaçuetê), o veado verdadeiro.

su'açu / suaçu = veado (“caça grande”)

etê = verdadeiro, legítimo

Esse é o nome indígena mais associado ao veado-do-pantanal.

Guaçupuçu, o veado comprido.

guaçu / guaxu = grande (caça)

puçu = comprido, alto

Esse nome faz referência direta às nossas pernas longas e ao grande porte, adaptadas à vida no pantanal e ambientes alagados.

Suaçuapara, o veado de galhadas ramificadas

su'açu = veado (grande caça)

apara = galho bifurcado

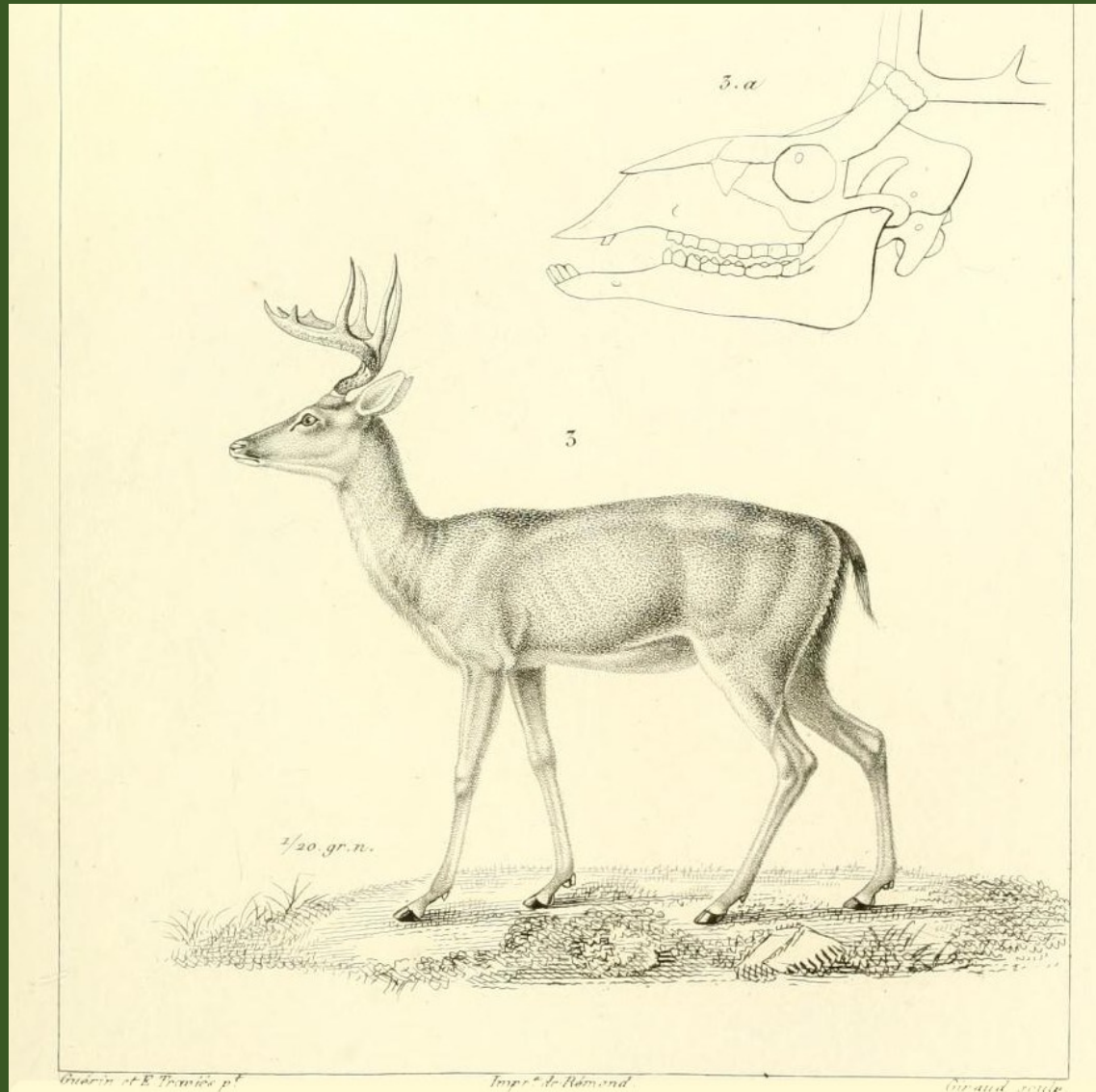
O nome se refere aos grandes chifres ramificados dos machos adultos.

Suaçupu / Duaçuapara (formas regionais)

São variações fonéticas regionais do tupi para “veado grande”.

Aparecem em registros etnográficos e zoológicos.

Cada nome indígena regional, conta um pouco da minha história.



***Iconographie du Règne Animal* (1829–1844). Cuvier, incluindo cervos do Novo Mundo: veado-da-virgínia, (*Odocoileus virginianus*) Fonte: [Biodiversity Heritage Library](#)**

**QUEM NOS CLASSIFICOU
CIENTIFICAMENTE?**



Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Giselle Mangini, Ituzaingó, Argentina, 2025. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

GOUAZOU-PUCÚ, O CERVO DO PANTANAL

O cervo-do-pantanal foi classificado pela primeira vez por **Johann Karl Wilhelm Illiger** em 1815, sob o nome ***Cervus dichotomus***. Ele identificou um cervo no Paraguai, baseado na descrição anterior de Félix de Azara (1801), que tinha registrado o nosso nome indígena “**Guazu-pucú**”.

Vários naturalistas deram outros nomes a nossa espécie, como ***Cervus paludosus***, ***Cervus palustris*** e ***Mazama furcata***. Diferentes nomes para a mesma espécie, criando muita confusão.

Finalmente, **Johann Andreas Wagner**, em 1844, propôs o gênero ***Blastocerus*** para cervídeos sul-americanos de grande porte, com características próprias:

- galhadas grandes e dicotomicamente ramificadas;
- membros longos e adaptados a ambientes alagados;
- crânio com basicrânio (ossos da base) relativamente reto.

Assim, os naturalistas eurocentrados passaram a nos reconhecer como sendo um gênero próprio. E ganhei mais um nome que também conta minha história. Ao escolher nosso nome científico, Illiger destacou os nossos chifres: ***Blastocerus dichotomus***

Blastocerus: do grego *blastos* (brotar) + *keras* (chifre), referente à aparência de nossos chifres ramificados.

dichotomus: do grego *dichotomos* (dividido em duas partes), pois os chifres se dividem em dois ramos principais e depois se subdividem novamente.



**Veado mateiro (*Mazama americana*). © Santiago Salazar, Equador, 2021.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.**

GOUAZOU-PITA, O VEADO VERMELHO

O primeiro a descrever essa espécie foi o naturalista alemão **Johann Christian Polycarp Erxleben**, em 1777. Ele a descreveu e nomeou como ***Moschus americanus***, baseado em exemplares de Caiena, na Guiana Francesa.

Em 1817, o naturalista **Constantine Samuel Rafinesque** propôs o gênero ***Mazama***, separando os veados neotropicais de pequeno porte dos cervos europeus e asiáticos.

Mazama deriva da língua **náuatle**, falada pelos povos da Mesoamérica, incluindo Astecas. Deriva de **mazatl** = “veado” e **mazame** = plural de *mazatl* (“veados”). E, assim, os naturalistas europeus passaram a nos chamar ***Mazama americana***.

A partir de 1990, estudos de pesquisadores brasileiros revelaram uma **complexidade inesperada**. Foram encontradas variações no número de cromossomos, de $2n = 42$ a $2n = 53$. E cruzamentos experimentais indicam infertilidade ou subfertilidade entre grupos da espécie. Isso mostrou que a ***Mazama americana*** não representa uma única espécie, mas sim um complexo de **espécies crípticas**, diferentes mas que parecem iguais por fora. A diferença só aparece quando os cientistas analisam o DNA, o comportamento ou outros detalhes.

Em 2020, pesquisas mostraram que o gênero ***Mazama*** precisa de uma revisão em sua classificação. Por enquanto, a ***Mazama americana*** continua válida, porém, é aceita como um **complexo de espécies**.



... Há cervos nesta terra, ...

O *Mazatl* é o nome de um dos dias no calendário religioso de 260 dias (13 meses x 20 dias) chamado *tonalpohualli*. Códice Florentino Digital, editado por Kim N. Richter e Alicia Maria Houtrouw, "Livro 11: Coisas Terrenas", fol. 15v, [Getty Research Institute](#), 2023.



Veado mateiro (*Mazama americana*). © rupununiwildlife, Guiana, 2014.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Somos muitos **Mazamas**, espalhados em diferentes territórios, com diferentes hábitos e tamanhos.

O **veado-mateiro** já possui hábitos mais noturnos e prefere viver em matas distribuídas por todo o Brasil. Minha mãe me contou que esse é o maior dos **Mazama**, pesando de 12 a 65 kg e medindo de 60 a 80 cm. Tem uma ponta em cada chifre.

Outro da família é o **veado-mateiro-pequeno**. Assim como o veado-mateiro, minha mãe me conta que ele também é um animal da noite, mas vive em matas no litoral atlântico. Mede cerca de 60 cm e costuma pesar de 25 a 35 kg.

O menor é o do **veado-mão-curta**. Minha mamãe me contou que essa espécie é chamada assim porque seu corpo é pequeno e possui patas curtas. Pesa por volta de 15 kg e mede 45 cm. Geralmente, passeia nas noites da Mata Atlântica.

O **veado-catingueiro**, conforme os ensinamentos de minha mãe, se adapta fácil ao ambiente. Ele é encontrado ao leste do Brasil, habitando também plantações de gado.

O **veado-mateiro-do-sul** é um cervo que pesa 30 kg e costuma medir 70 cm de altura. Minha mãe me disse que essa espécie já não aparece muito e habitam campos do sul do Brasil, especialmente no Paraná.

Somos muitos, somos diversos.

Estamos sendo reestudados e reclassificados em estudos recentes que analisam nossa **genética** para determinar nossas ancestralidades evolutivas que contarão nossas **histórias e parentescos**, espalhados pelo Brasil.



Veado-mão-curta (*Mazama nana*), © Carlos Schmidtutz, Argentina, 2015. Acervo iNaturalist. Licença: [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



Veado-mateiro-do-sul (*Mazama rufa*), © pierossi, Teodoro Sampaio, São Paulo, 2026. Acervo: [iNaturalist](#). Licença [CC BY-NC 4.0](#).



Veado-Mateiro (*Mazama americana*) © amaZOOnico, Equador, 2023.
Acervo: [iNaturalist](#). Licença [CC BY-NC 4.0](#).



Veado catingueiro (*Mazama / (Subulo gouazoubira)*). © thekarp, Mato Grosso do Sul, 2023. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

GOUAZOU-TI, OS PEQUENOS CERVOS

A história de nossa classificação é um exemplo de como a Biologia se aproxima cada vez mais de nossas histórias evolutivas.

A primeira descrição científica de ***Mazama gouazoubira*** foi de **Johann Baptist Fischer von Waldheim**, em 1814. Ele nos chamou de ***Cervus gouazoupira***, ao nos observar na região de Assunção no Paraguai. Fischer também se baseou nos relatos e descrições de Félix de Azara de 1801.

O termo ***gouazoubira*** deriva do nome registrado por Azara (*guazú* = veado + *mbíra / ubira* = pardo, escuro ou cinzento), significando “**veado pardo ou cinzento**”.

A primeira descrição científica de ***Mazama nemorivaga***, o veado “roxo”, foi de **Frédéric Cuvier**, em 1817. Ele nos chamou de ***Cervus nemorivagus***, *ao nos observar em Caiena*, na Guiana Francesa. A pelagem da espécie apresenta tom levemente arroxeadado, diferente das outras espécies.

Cuvier fez sua descrição com base em espécimes amazônicos, diferentes do veado-catingueiro, e durante mais de um século, ela foi tratada como subespécie ou variante de *M. gouazoubira*.

O termo ***nemorivaga*** vem do latim: *nemus / nemoris* = bosque, floresta + *vagari* = vagar, significando : “**vagar pela floresta**”.

Posteriormente, com o refinamento da classificação dos cervídeos neotropicais, ambas as espécies “***Cervus***” foram transferidas para o gênero ***Mazama***.



Veado catingueiro (*Mazama / Subulo gouazoubira*). © Daniel Branch, Brasília, 2020. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Veado roxo (*Mazama / Passalites nemorivagus*). © Alexander Lees ,
Pará, 2011. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Parecidas, mas diferentes!

Durante o século 20, pesquisas reconheceram diferenças consistentes entre:

veados de ambientes abertos (*gouazoubira*)
e veados estritamente florestais (*nemorivaga*).

E estudos cromossômicos revelam que são distintos e mostraram que o ***M. gouazoubira*** não é próximo das espécies vermelhas do gênero ***Mazama***. E que o ***M. nemorivaga*** representa um complexo de espécies amazônicas crípticas (parecidos, mas diferentes).

Atualmente, os estudos propõem uma nova classificação.

Transferir ***Mazama gouazoubira*** para o gênero ***Subulo***, com o novo nome de ***Subulo gouazoubira***. E a espécie passa a representar um ramo evolutivo distinto entre os cervídeos neotropicais.

E o ***Mazama nemorivaga*** para o gênero ***Passalites***, propondo o nome ***Passalites nemorivagus***. Evidências indicam pelo menos três espécies distintas dentro do que antes era tratado como ***M. nemorivaga*** (Amazônia Oriental, Central e Ocidental).

A história da nossa classificação ilustra um caso onde espécies distintas permaneceram classificadas juntas por séculos. Apenas com a **citogenética** e a **filogenia molecular** foi possível revelar nossa real diversidade e conhecer nossa verdadeira história evolutiva.



Veado roxo jovem (*Mazama / Passalites nemorivagus*). © Nailson Júnior, Mojú, Pará, 2023. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Veado Campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), © Knut Arne Monrad, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, 2026. Acervo: [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-NC 4.0](#).

GOUAZOU-BIRA, OS VEADOS CAMPEIROS

A espécie ***Ozotoceros bezoarticus*** foi descrita pela primeira vez por Carl Linnaeus em 1758, na 10ª edição do *Systema Naturae*, com o nome ***Cervus bezoarticus***, baseado em espécimes da América do Sul.

Naquela época, Linnaeus agrupava praticamente todos os cervídeos conhecidos no gênero *Cervus*.

O gênero ***Ozotoceros*** foi criado em 1891 pelo paleontólogo argentino **Florentino Ameghino** (1854-1911), quando se reconheceu que o veado-campeiro não se enquadrava nos gêneros de cervídeos europeus nem norte-americanos.

Ozotoceros vem do grego:

ozōtos, “odorífero”, “que exala cheiro” + *kéras*, “chifre”, “corno”.

O nome alude às glândulas bem desenvolvidas, que produzem um odor forte e persistente — característica marcante da espécie.

Bezoarticus deriva do termo “**bezoar**”, usado desde a Antiguidade para designar massas sólidas encontradas no estômago de ruminantes, às quais se atribuía valor medicinal.

Durante o século XIX, a espécie foi redescrita e renomeada, resultando em vários sinônimos taxonômicos, reflexo da fragmentação do conhecimento zoológico sul-americano na época. Muitos desses nomes correspondiam apenas a variações geográficas ou de pelagem.



Veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus ssp. celer*). © Nicolás García Del Castillo, Argentina, 2026. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

A partir do trabalho de **Ameghino** e revisões posteriores, houve consenso de que a espécie pertencia a um **gênero próprio**, resultando na combinação válida atual:

Ozotoceros bezoarticus.

O gênero, atualmente tem cinco subespécies reconhecidas:

O.b. bezoarticus – Subespécie nominal, com pelagem castanho-avermelhada clara, distribuída principalmente no Brasil central e nordeste histórico.

O.b. leucogaster – Caracteriza-se pelo ventre nitidamente mais claro ou esbranquiçado, ocorrendo sobretudo no Pantanal, Cerrado e Chaco.

O.b. celer – Apresenta coloração geral mais escura e intensa (castanho-escuro a baio) e está restrita às pradarias do sul da Argentina.

O.b. arerunguaensis – Subespécie geograficamente restrita ao norte do Uruguai, distinguida por sutis diferenças morfológicas e genéticas em populações isoladas.

O.b. uruguayensis – Endêmica do sul do Uruguai, diferencia-se por isolamento populacional extremo e características genéticas próprias, apesar de pouca distinção externa marcante.

Contudo, o gênero ainda é considerado instável, variando conforme os marcadores genéticos utilizados, e ainda carece de dados nucleares mais completos.



Veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus* ssp. *arerunguaensis*).
© Mauricio Silvera, Uruguai, 2025. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

NOSSAS BIOIDENTIDADES

NOSSAS BIOIDENTIDADES

De forma resumida, nossa nomenclatura revela nossa classificação e o modo como nos relacionamos aos outros seres vivos:

Todos temos isso em comum:

Reino dos **Animais**.

Filo dos **Cordados**.

Classe dos **Mamíferos**, pois nossos filhotes mamam.

Ordem dos **Artiodátilos**, pois temos número par de dedos, andamos com dois dedos principais como cervos, vacas e porcos.

Família dos **Cervídeos**, pois temos chifres como veados, cervos, alces e renas.

Subfamília dos **Capreolíneos**, pois somos cervos do Novo Mundo, vivemos nas Américas, diferentes dos europeus e asiáticos.

E nos dividimos em vários Gêneros:

Blastocerus, temos chifres que brotam e crescem ramificados.

Mazama, somos pequenos cervos da mata.

Ozotoceros, somos cervo dos campos abertos e com chifres.

Bezoarticus, pois produzimos bezoares (massas sólidas) no estômago.

E cada gênero se divide em várias espécies ou sistemas complexos.

Mas nossa **Bioidentidade** é viva, ela está sendo cada vez mais aperfeiçoada para contar nossa verdadeira história evolutiva.

E NÃO ESQUEÇAM DE MIM, O CERVO DE CAUDA BRANCA!

Eu sou o **cervo-de-cauda-branca** (*Odocoileus virginianus*).

Muitos me conhecem pelo meu rabo erguido, branco como um lampejo de luz quando corro entre campos e savanas. Outros me chamam de **cariacu**.

Carrego nos passos uma história antiga, esculpida pelo vento das Américas.

Nasci destas terras muito antes das fronteiras terem nome.

Sou filho das paisagens abertas do Novo Mundo. Meus parentes estão espalhados do frio do Canadá às montanhas andinas, mas minha presença no Brasil é discreta, quase sussurrada.

Habito o extremo norte do Brasil, em **Roraima**, onde a floresta se abre em campos naturais, savanas amazônicas e áreas alagáveis que respiram conforme as chuvas vêm e vão.

Não fui trazido por mãos humanas.

Sempre estive aqui.

Caminhei lentamente desde o norte do continente, acompanhando rios, clareiras, territórios onde a mata dialoga com o campo. Por isso, se me procuras no coração da floresta densa, talvez não me encontres.

Prefiro os **lugares de transição**, onde posso ver longe, correr livre, sobreviver com atenção e silêncio.



© Jim Lawrence
Kootenayreflection

Veado de cauda-branca da Virgínia. (*Odocoileus virginianus*), ©jim22lawrence, Canadá, 2016. Acervo: [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-NC 4.0](#).

Aprendi a viver onde a terra muda, onde o fogo às vezes passa, onde o ambiente se transforma.

Gosto das bordas — não por medo da floresta, mas porque ali encontro equilíbrio: alimento, refúgio e água. Sou um especialista em sobreviver entre mundos.

Ainda assim, sou pouco conhecido por aqui. Poucos humanos já me observaram de perto no Brasil. Minha existência, embora antiga, permanece envolta em lacunas.

Sou caçado em silêncio, atravessado por queimadas invisíveis e esquecido nas estatísticas. Por isso, dizem que sabem pouco sobre mim. **Dados insuficientes**, registram nos papéis.

Mas eu sigo.

Cruzo os campos de Roraima, os lavrados, as savanas do norte amazônico. Deixo rastros leves, quase apagados pela chuva. Carrego galhadas que se renovam, ciclos que continuam, um corpo moldado para correr, ouvir e perceber.

Sou parte desta terra — não apenas visitante.

Enquanto houver campo, água e transição, **eu estarei aqui**, erguendo minha cauda branca como sinal de vida, memória e resistência.



General Research Division, The New York Public Library Digital Collections. "Veado dos Pampas" Richard Lydekker, 1898.

**CADA CERVO,
UMA HISTÓRIA**

A HISTÓRIA DE GUAZU-BIRÁ



Veado campeiro jovem (*Ozotoceros bezoarticus*), © Fábio Olmos, Rondônia, 2018. Acervo [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-4.0](#).

A História de Quem Nasceu Correndo com o Vento

Olá, eu sou **Guazú Birá**, um nome antigo que vem de povos guaranis da América do Sul, como minha mãe me ensinou, mas pode me chamar de **Birá**. Sou conhecido como veado-campeiro.

Meu primeiro cheiro de mundo

Depois de 7 meses da gestação de minha mãe, eu nasci numa manhã fria e silenciosa, nos campos abertos do sul do Brasil, onde o vento nunca para e a grama dança como se fosse um mar verde. Nasci no mês de setembro, início da primavera, na fronteira dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Minha mãe me trouxe ao mundo escondida entre capins altos. Eu era pequeno, frágil, com manchas claras no pelo para me camuflar. Eu sou conhecido como um veado campeiro.

Naquele começo da vida, eu mal conseguia andar direito. Minhas pernas tremiam, mas a natureza já tinha me dado um presente importante: a capacidade de ficar de pé e correr logo nas primeiras horas de vida. Isso era essencial, porque aqui nos campos não há muitas árvores para se esconder. Aprendi a andar 40 minutos depois de ter nascido e pesava apenas 1,5 kg.

Eu me alimentava apenas do leite da minha mãe, rico e forte, que me ajudava a crescer rápido. Ela me deixava escondido enquanto saía para comer, e eu aprendia, em silêncio, a arte mais importante da minha infância: ficar imóvel e atento.

Veado campeiro em campo cercado (*Ozotoceros bezoarticus*), © kiniroesler, Mercedes, Argentina, 2026. Acervo iNaturalist. Licença: [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



Quando não estava presente, minha mãe usava o despistamento para deslocar as ameaças que nos cercam, caminhando para o lado oposto de onde estou. Assim, consegui crescer bem seguro.

Nasci com pelagem marrom-avermelhada com manchas brancas, que funcionam como camuflagem.

Minha mãe me contou que a nossa espécie se divide em dois grupos: os *cinzentos* e os *vermelhos*. Isso mesmo, não é pelo tamanho, mas pela coloração dos nossos pelos que nos diferenciamos

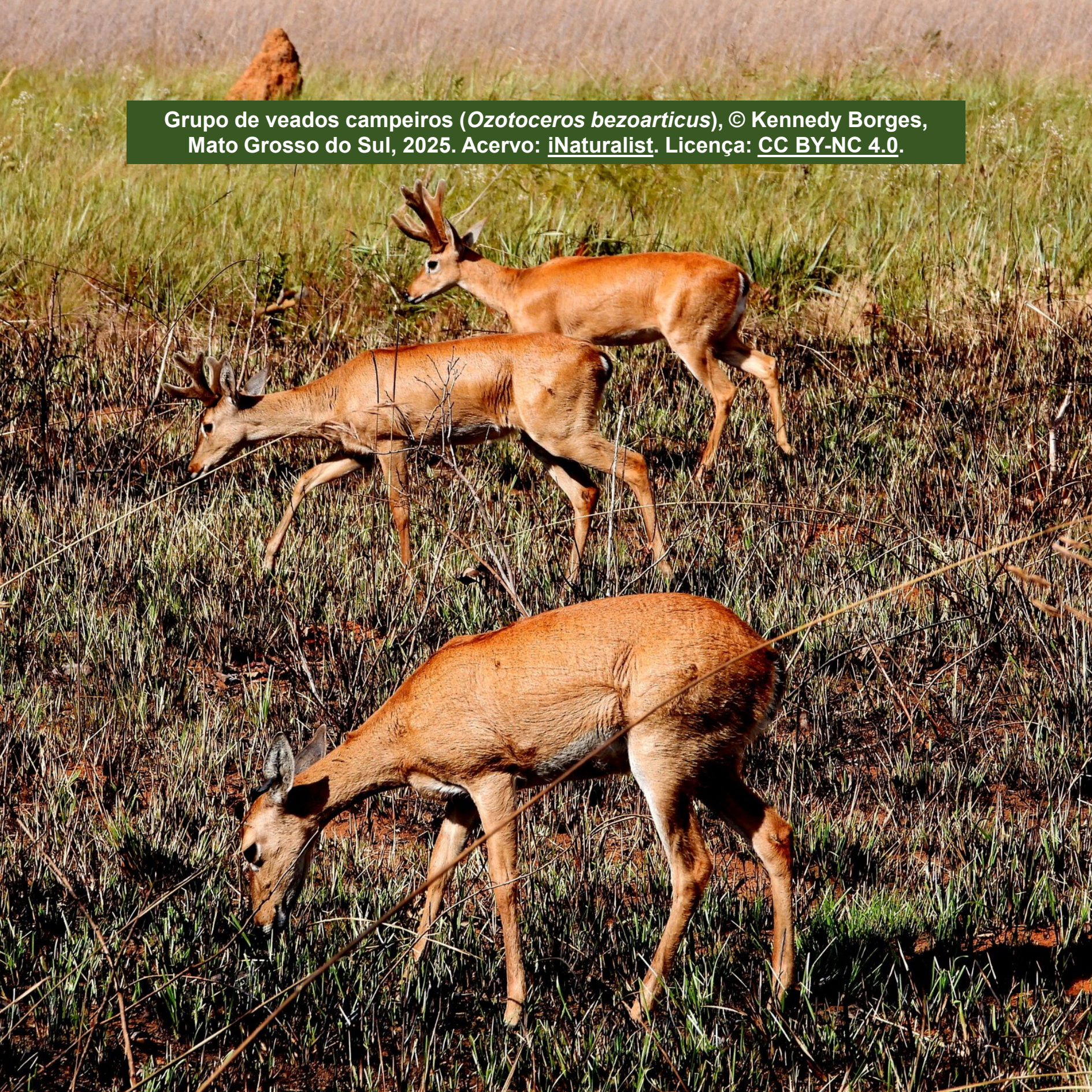
Infância curiosa – aprendendo com o campo

Com algumas semanas de vida, comecei a acompanhar minha mãe. Descobri que o mundo tinha cheiros, sons e perigos. Aprendi a reconhecer aves, insetos e, principalmente, a identificar quando algo não estava certo.

Após o primeiro mês, eu passei a experimentar flores, folhas novas, gomos e arbustos. Esses alimentos são leves, mas têm alto teor energético, o que me ajuda a aguentar o dia, além de serem fáceis de digerir. Cereais como milho e soja também fazem parte da minha dieta. Tenho um corpinho pequeno, não sou de comer muito, mas como o que me dá muita energia.

Depois que fiz quatro meses de vida, deixei de mamar na minha mãe

Grupo de veados campeiros (*Ozotoceros bezoarticus*), © Kennedy Borges, Mato Grosso do Sul, 2025. Acervo: iNaturalist. Licença: CC BY-NC 4.0.



Comecei a perder as manchas brancas da pelagem infantil.

Meu corpo crescia rápido. Eu ainda era leve e baixo, com pernas finas feitas para correr. A cada dia, treinava arrancadas rápidas, porque esse é o jeito do veado-campeiro sobreviver — não lutamos, fugimos com velocidade e agilidade.

Mas nem tudo era brincadeira. Aprendi cedo que os campos mudavam muito. Às vezes havia fogo, outras vezes cercas, e nem sempre o perigo vinha dos predadores naturais. Alguns desafios tinham cheiro de fumaça, metal e barulho de máquinas.

Adolescência: o corpo muda, a coragem cresce

Com 1 ano, entrei na minha juventude, senti que algo estava diferente. Meu corpo ficou mais forte, meu olhar mais atento. Como eu sou um macho, começaram a nascer meus primeiros chifres, ainda pequenos, cobertos por uma pele macia chamada *veludo*. Eles não serviam para machucar, mas para mostrar saúde e força.

Meu pai tem dois chifres bem grandes com três pontas, diferente da minha mãe, que tem apenas duas manchinhas brancas na cabeça. Quando o frio chega, os chifres de meu pai costumam cair, mas logo nascem de novo. Sempre que meu pai “troca” os chifres, surge uma pele com vários pelinhos que protegem os chifres. Demora uns 30 dias até crescerem novos chifres nele.

Eu já comia muito mais: ervas variadas, folhagens mais duras, sementes e brotos resistentes.



Casal de veados campeiros (*Ozotoceros bezoarticus*), © Kennedy Borges, Mato Grosso do Sul, 2025. Acervo: [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-NC 4.0](#).

Passei a explorar áreas maiores do campo e a conviver com outros veados. Aprendi a respeitar espaços e a reconhecer sinais de alerta. Nesta fase, muitos jovens como eu não sobrevivem — a juventude é quando a curiosidade compete com o perigo.

Meu corpo já media cerca de 70 a 90 centímetros de altura, e eu pesava algo entre 20 e 40 quilos. Eu me sentia rápido como o vento e orgulhoso disso.

Vida de Jovem Adulto – equilíbrio e responsabilidade

Aos 2 anos, cheguei à fase adulta, o tom dos meus pelos escureceu, chegando a ficar castanho-claros, mas tanto a minha cauda quanto o meu focinho são negros. Minha mãe me contou que há outras espécies com cores diferentes, podendo ser pardo, acinzentado, castanho-avermelhado, entre outros. Somos muito diversos!

Hoje sou um veado-campeiro adulto e maduro. Meus chifres agora são firmes e ramificados, e se renovam a cada ano.

Aprendi que força não é só correr rápido — é saber a hora certa de correr.

Minha alimentação é variada e cuidadosa, sempre observando o que o campo oferece em cada estação. Na seca, preciso caminhar mais para encontrar alimento. Na época das chuvas, o campo se enche de vida. Estou pesando 35 quilos e tenho 140 centímetros e costumo andar 4 quilômetros por dia.

Meu maior desafio agora é não é só sobreviver, mas manter o equilíbrio com o ambiente. Preciso de campos abertos, silenciosos e livres. Cercas, estradas e a perda dos campos naturais tornam minha vida mais difícil — e a de toda minha espécie também.

Somos uma espécie que caminha bastante, não gostamos de ficar parados e precisamos de espaço para nos locomover. Mas eu não tenho muito espaço onde moro, vivo em uma reserva. Tenho parentes que vivem em fazendas e alguns poucos que ainda vivem no nosso habitat natural.

Os rios daqui não têm água cristalina, as terras estão cercadas, tenho pouco espaço para correr e precisamos ter cuidado, pois as onças são perigosas, mas os caçadores são piores. Os humanos ainda não aprenderam a conviver em nosso planeta.

Costumamos andar sempre em grupo, pois isso nos protege das onças e fica mais fácil achar alimentos em grupo.

Passamos o dia andando, em busca de alimento. Quando encontramos nossos vegetais prediletos, comemos e os digerimos bem devagar. Meu estômago é dividido em quatro partes, que me ajudam na decomposição mecânica dos alimentos e também na fermentação por meio de protozoários e bactérias. Esse é o motivo de a minha digestão ser lenta.

Vivemos bem desse jeito. Meus pais me ensinaram que tudo tem seu tempo.

Meus chifres tem seu próprio ciclo e se renovam todo ano.

Venho sentindo um cheiro estranho, muito forte e bastante ardido. Perguntei a meus pais o que poderia ser e eles me contaram que é a época de reprodução.

Os machos soltam esse odor pelas glândulas da face e das patas. Eu acho que eles fazem isso para marcar território.

As disputas pelas fêmeas começaram.

Foi assim que meu pai conquistou minha mãe.

Meu pai me contou que teve de brigar contra outro cervo, que também estava interessado nela.

E minha mãe me contou que a luta foi feia, mas que meu pai venceu.

E, assim, eu nasci. As fêmeas tem um filhote por ano.

Um adulto experiente

Hoje, completei 6 anos.

Agora, começa minha fase de adulto maduro.

É quando meus chifres alcançam seu tamanho máximo.

Nesses anos, ganhei muita experiência sobre nosso território e também de fugas de predadores e de caçadores.

Nós aprendemos a conviver com outras espécies, como as emas e curicacas.

Nós, ao caminhar pelo campo ou pela mata, mexemos na vegetação e espantamos insetos. A ema aproveita essa movimentação para encontrar e comer insetos ou outros pequenos alimentos com mais facilidade. Não é algo que nos afete. Então, conseguimos conviver bem com as aves.

Mas, conviver com humanos ainda é um perigo. Alguns ainda nos caçam e usam nossos chifres como troféu. As ameaças humanas em nossos habitats são constantes e sempre precisamos estar atentos às ameaças.

Podemos viver de 10 a 12 anos na Natureza, mas alguns parentes, cuidados e vivendo em cativeiro, podem chegar até mais de 20 anos.

Somos parte dos campos desde antes dos humanos nos conhecerem. Minha história é a história dos pampas, dos campos abertos do sul e de toda a vida que depende deles.

Quando você protege a natureza, você me protege também. E enquanto o vento continuar soprando sobre a grama, eu estarei aqui — correndo, atento, vivendo.

Espero continuar correndo nesses campos ainda por muito tempo...

A HISTÓRIA DE GUAZÜ-PUCÚ

MINHA VIDA NAS ÁGUAS DO PANTANAL

Olá! Meu nome é **Suaçuetê**, que significa “veado verdadeiro”. Nasci em um lugar muito especial: o **Pantanal**, uma imensa planície onde a água sobe, desce, brilha ao Sol e dá vida a tudo ao redor. Hoje sou um veado-do-pantanal adulto, forte e experiente, mas minha história começou bem pequena...

Quando eu cheguei ao mundo

Eu nasci sozinho, depois de quase 9 meses protegido dentro do útero da minha mãe. Era uma manhã tranquila, com o chão ainda úmido e a vegetação alta servindo de esconderijo. Quando abri os olhos pela primeira vez, eu era frágil e tremia um pouco. Afinal, o mundo era enorme e eu tinha apenas 8 quilos e 50 centímetros de altura, mas era um bebê grande para minha espécie.

Minha pelagem era castanha-clara, sem as pintas brancas como em outros cervos. E tinha pernas longas desde o nascimento e meus cascos já eram adaptados a ambientes úmidos, como o pantanal.

Eu dependia do leite materno nas primeiras semanas. Minha mãe cuidava de mim o tempo todo. Nos primeiros dias, eu ficava quietinho, escondido entre as plantas, enquanto ela ia buscar alimento. Eu aprendi rápido a ficar imóvel para não chamar atenção de predadores. O leite da minha mãe me dava força para crescer, e logo comecei a dar meus primeiros passos nas áreas alagadas.

Mamei até os 4 meses, mas comecei a comer vegetação ainda no segundo mês.



Jovem Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Pablo Preliasco, Ituzaingó, Argentina, 2023. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Descobrimo o Pantanal

Aos seis meses, eu já era mais curioso e mais confiante. Minhas pernas ficaram mais fortes e comecei a acompanhar minha mãe por caminhos cheios de água, lama e plantas aquáticas deliciosas.

Eu já estava com 30 quilos e 80 centímetros de altura.

Aprendi como atravessar áreas alagadas sem afundar, usando meus cascos largos. E assim, conheci nosso território: as rotas, as áreas alagadas e os locais seguros.

Também descobri quais plantas eram boas para comer. Aos poucos, deixei de mamar e passei a me alimentar como um verdadeiro ruminante.

Minha pelagem começou a ficar avermelhada.
Minhas pernas começaram a escurecer.
Eu já parecia um adulto, só que menor.

Eu ainda era jovem, mas já entendia que o Pantanal exige atenção: onças-pintadas, onças-pardas, jacarés e outros perigos estavam por perto. Mesmo assim, cada dia era uma nova aventura.

Com um ano e meio, já pesava 60 quilos e tinha 1 metro de altura.



Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Pablo Preliasco, Corrientes, Argentina, 2024. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Crescendo e me tornando independente

Por volta de 18 a 24 meses, algo mudou. Eu já não precisava mais seguir minha mãe. Meu corpo estava quase do tamanho de um adulto, minha pelagem tinha ficado avermelhada e meus músculos estavam mais fortes.

Meus cascos longos desenvolveram membranas interdigitais e comecei a explorar sozinho grandes áreas do Pantanal. Foi nessa fase que eu aprendi a me virar por conta própria e ficar mais solitário.

Aos 15 meses, como eu sou um macho, pequenos chifres começaram a crescer na minha cabeça — ainda simples, sem muitos ramos, mas cheios de significado.

Eles mostravam que eu estava entrando em uma nova fase da vida. Tempos depois, eles caíram, mas não se preocupem, eles se renovam todo ano.

Eu observava outros cervos adultos e aprendia com eles, pois tinha que aprender a conquistar meu território, evitar disputas desnecessárias e escolher bem meus caminhos.

Comecei a tentar namorar, mas não tinha muito sucesso.



Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Giselle Mangini, Ituzaingó, Argentina, 2025. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

A força da maturidade

Aos 3 anos, eu já tinha quase 100 quilos e meu torso já tinha 1 metro e 20 centímetros de altura e já tinha 1,5 metros de comprimento. Meus músculos estavam bem fortalecidos e resistentes. Já era um cervo-do-pantanal totalmente adulto – o maior cervídeo da América do Sul.

Sou grande, forte e conheço bem o território onde vivo.

Minha pelagem tem uma cor avermelhada intensa.

Meus chifres são grandes e ramificados e impressionantes (com 12 pontas), e meu corpo está totalmente adaptado a caminhar, viver nas áreas alagadas. Tenho membranas entre os dedos para caminhar melhor na lama e sou um excelente nadador.

Prefiro ficar sozinho e sou mais ativo ao amanhecer e ao entardecer. Sei onde encontrar alimento mesmo quando as águas sobem e respeito o ritmo da natureza.

Hoje tenho 6 anos, estou com 130 quilos e meu dorso chegou a quase 1,30 metros de altura. Hoje, eu sou um macho dominante. Durante o outono e inverno, ajudo a garantir que novos filhotes nasçam e continuem nossa história. As fêmeas têm geralmente 1 filhote por ano.

Nossos filhotes são nosso tesouro, trazem com eles o tempo do futuro.



Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Vanessa Claudino Bitencourt, Corrientes, Argentina, 2023. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Na Natureza podemos viver até os 12 anos.

Mas estamos vivendo cada vez menos:

pela perda de nosso habitat,
por doenças transmitidas pelo gado,
por atropelamentos de estradas que atravessam nosso território
e pela caça ilegal.

Por isso, sei que nosso futuro depende dos humanos.
Eu sou apenas um entre muitos, mas minha vida representa a vida
do próprio Pantanal.

Quando vocês protegem a natureza, protegem histórias, caminhos,
filhotes e futuros.

Precisamos das áreas alagadas preservadas, das águas limpas e de
proteção contra a caça e as doenças.

Cuidem das águas. Cuidem das florestas e dos campos.
Assim, eu — e muitos outros — continuaremos vivendo livres

Se o Pantanal for cuidado, minha espécie continuará contando
histórias como a minha.



Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Milson Silva, Mato Grosso do Sul, 2025. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*). © Diogo Luiz, Mato Grosso do Sul, 2019. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-4.0.

A HISTÓRIA DE GUAZÜ-PITÁ

NASCI NO SILÊNCIO DA MATA: A HISTÓRIA DE UM VEADO-MATEIRO

O veado mateiro (*Mazama americana*) forma um **complexo de espécies**, podendo futuramente ser dividido em múltiplas espécies distintas, o que pode alterar valores de tamanho e ecologia por região.

Nascimento

Eu nasci quando a floresta ainda dormia. Minha mãe escolheu um lugar escondido, onde o Sol mal tocava o chão e as folhas secas abafavam qualquer som. Ali, entre raízes e sombras, cheguei ao mundo. Eu tinha cerca de 2 quilos e 35 centímetros de altura.

Quando abri os olhos pela primeira vez, tudo cheirava a terra molhada e folhas velhas. Meu corpo era pequeno e frágil, coberto por manchas brancas que pareciam pedaços de lua espalhados sobre meu pelo avermelhado. Essas manchas eram minha proteção: misturado à luz que passava entre os galhos, eu quase desaparecia aos olhos de quem procurava comida... como eu.

Nos primeiros dias, eu mal me movia. Ficava quieto, imóvel, enquanto minha mãe se afastava em silêncio.

Ela voltava apenas algumas vezes ao dia, rápida, atenta, trazendo o alimento mais importante: seu leite quente, forte, cheio da vida que me fazia crescer. Os aleitamentos rápidos e espaçados reduzem o risco de atrair predadores. Eu só mamava até os meus 2 meses de idade.

Aprendi cedo que, na floresta, o silêncio é um aliado e o excesso de movimento pode custar caro.



Veado mateiro (*Mazama americana ssp. gualea*). © Holger Beck, Equador, 2017. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Minha infância

Com o tempo, minhas pernas começaram a entender seu próprio peso. Tremiam, é verdade, mas já conseguiam me levar alguns passos adiante.

Minhas manchas começaram a desaparecer, como se a infância estivesse ficando para trás.

Aos dois meses, passei a acompanhar minha mãe por distâncias curtas, observando tudo: o caminho das trilhas e das áreas de fuga, o som das folhas quebrando sob cascos, o cheiro forte das frutas maduras caídas no chão.

Aprendi a comer com cuidado. Nem tudo o que cresce é seguro. Minha mãe me ensinava pelo exemplo: brotos tenros, folhas jovens, frutos doces, flores caídas, até fungos escondidos na sombra.

Nossos desafios incluíam predadores, mas também doenças e parasitos, especialmente próximos a áreas com gado.

Somos seletivos — a floresta oferece muito, mas é preciso saber escolher.

Ao completar um ano, já tinha mais de 12 quilos e media 60 centímetros de altura.



Veado-mateiro-pequeno (*Mazama bororo*), © Gabriel Leite, São Paulo, 2022. Acervo: [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-NC 4.0](#).

Um Jovem independente

Quando completei meu primeiro ciclo de chuvas e secas, já não era mais um filhote.

Eu reconhecia os sons da mata: o aviso dos pássaros, o farfalhar que não pertence ao vento, o silêncio repentino que anuncia perigo. Também aprendi a nadar, pois a água, muitas vezes, é a melhor rota de fuga.

Veio então o momento da despedida silenciosa. Minha mãe se afastou, e eu segui sozinho. Entre nós, não houve chamado nem lamento. Assim é nosso jeito. Tornei-me solitário, como manda a tradição dos meus.

Tinha uma dieta bem seletiva de frutos, sementes, brotos e folhas e até fungos. E assim, ajudava a dispersar sementes no território.

Aos dois anos, eu tinha 25 quilos e quase 70 centímetros de altura. Já era semelhante aos adultos, porém ainda menor.

Nessa fase, meus chifres simples, não ramificados, começaram a crescer.

Eu comecei a aprender a conquistar meu território, incluindo conflitos territoriais com outros machos. Mas nosso maior desafio era a maior exposição à caça e atropelamentos.

Quando me tornei adulto

A partir de 2 anos, nos tornamos adultos completos.

As fêmeas têm cerca de 30 quilos e os machos podem chegar até 50 quilos.

E nossa altura pode variar de 65 a 80 centímetros, com o comprimento variando de um metro a quase 1 metro e meio.

À medida que crescia, meu corpo se fortaleceu.

Minha pelagem ficou de um vermelho profundo, brilhando ao Sol da manhã.

No topo da cabeça, começaram a nascer meus primeiros chifres: simples, curtos, sem ramificações. Não são feitos para grandes batalhas, mas para mostrar quem sou e defender meu espaço e conquistar fêmeas.

Passei a marcar meu território, a reconhecer meus próprios caminhos, a evitar encontros desnecessários. Sou mais ativo quando o sol nasce ou quando começa a se esconder, momentos em que a floresta respira diferente e os perigos parecem menores.

Mas nem todos os desafios vêm da mata. Descobri áreas abertas, estranhas, cortadas por trilhas duras e cheiros que não pertencem à floresta. Algumas são perigosas — nelas, parentes meus desapareceram sob rodas rápidas ou pelo barulho seco dos humanos. Aprendi a evitá-las.

Um adulto senescente

Hoje, sou um adulto e carrego a floresta em cada passo.
Ao me alimentar, espalho sementes, ajudando novas árvores a nascerem.
Ao abrir trilhas, facilito a passagem de outros animais. Mesmo sem saber, faço parte de algo maior.

Hoje tenho 10 anos, e ainda posso viver alguns anos.
Em cativeiro, sob cuidados, chegamos até 16 anos.

Com a idade avançada, tenho redução de mobilidade e, por isso, corro menos e tenho maior dificuldade de escapar de predadores e de caçadores humanos. Assim, procuro ficar em áreas mais seguras e conhecidas.

Já não namoro como antigamente.
E estou mais sensível a parasitos e ferimentos.

Sou discreto, reservado, quase invisível. Mas existo.
Enquanto houver mata fechada, silêncio e frutos no chão, continuarei aqui — como o guardião vermelho das florestas.

Precisamos de nosso território saudável e da compreensão dos humanos para viver nossa velhice no ritmo e equilíbrio da mãe natureza.

A HISTÓRIA DE GUAZÚ-TI
(Mazama nemorivaga)

MINHA VIDA NA FLORESTA: A HISTÓRIA DE UM VEADO-ROXO

Meu nome científico é *Mazama nemorivaga*. Mas, na floresta onde nasci, sou chamado de **veado-roxo**, **fuboca** ou apenas o **veado da mata fechada**.

Minha história começa bem longe dos caminhos humanos, no coração da floresta amazônica, onde a luz do Sol chega em fios finos e o chão está sempre coberto de folhas.

Antes de eu nascer

Durante quase **sete meses**, cresci dentro do útero de minha mãe. Ela caminhava sozinha pela floresta, silenciosa e atenta. Nós, veados-roxos, somos assim: discretos, quase invisíveis. Enquanto ela comia frutos caídos, folhas macias e brotos, eu me formava devagar, protegido pela escuridão fresca da mata.

Nasci na estação das chuvas.

Quando chegou o momento, minha mãe escolheu um lugar seguro, longe de clareiras e trilhas.

A floresta precisava me esconder — e ela sabia disso melhor do que ninguém.



Veado roxo (*Mazama / Passalites nemorivagus*). © Augusto Rosa, Espírito Santo, 2020. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

Meu primeiro dia na floresta

Nasci pequeno, leve, com pouco mais de meio quilo, como outros *Mazamas*.

Eu tinha cerca de 25 centímetros de altura.

Minhas pernas eram fracas, meus olhos ainda descobriam o mundo. Meu pelo era marrom-escuro, salpicado de manchas claras, feitas para confundir os olhos de quem poderia me caçar. Nos primeiros dias, quase não me movia.

Aprendi cedo que, na floresta, ficar parado é uma forma de sobreviver. Minha mãe saía em silêncio para se alimentar. Eu ficava escondido entre folhas, troncos e sombras, respirando devagar.

Durante os primeiros quatro meses, vivi do leite materno, quente e forte, que me ensinava a crescer. Depois comecei aos poucos a comer folhas, brotos e frutos macios.

O perigo estava sempre perto: onças, gatos-do-mato, cães que às vezes vinham com os humanos.

A floresta é bela, mas não é gentil com quem não presta atenção.



Veadoroxo (*Mazama / Passalites nemorivagus*). © Christopher Borges, Alta Floresta, Mato Grosso, 2015. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-SA-4,0.

Aprendendo a caminhar sozinho

Com o passar do tempo, minhas pernas ficaram firmes.

Minhas manchas juvenis desapareceram.

Eu já conseguia correr, parar de repente, mudar de direção — habilidades essenciais para um veado da floresta densa.

Por volta dos **oito meses**, deixei de seguir minha mãe. Era hora de trilhar meu próprio caminho. Eu já tinha 10 quilos e minha altura cresceu para 40 centímetros.

Aprendi a reconhecer cheiros, sons e caminhos invisíveis. A floresta não tem placas, mas ensina quem sabe observar.

Minha alimentação mudou também.

Meus frutos amazônicos preferidos são **Açaí** (*Euterpe oleracea* / *Euterpe precatoria*), **Patauá** (*Oenocarpus bataua*), **Bacaba** (*Oenocarpus bacaba*), **Buriti** (*Mauritia flexuosa*) e o **Tucumã** (*Astrocaryum* spp.). São gostosos e ricos em **energia, lipídios e carboidratos**.

Nas florestas que não inundam, meu habitat preferido, encontro **Jatobá-da-mata** (*Hymenaea* spp.), **Ingá** (*Inga* spp.), **Murici** (*Byrsonima* spp.) e **Araçá-da-mata** (*Psidium* spp.).

E na floresta densa, encontro frutos maiores no chão da mata, como a **Sapucaia** (*Lecythis* spp.), a **Castanha-do-pará** (*Bertholletia excelsa*) e o **Abiu-silvestre** (*Pouteria* spp.).

Além desses deliciosos frutos, também como folhas jovens, brotos e gramíneas.

Eu não como tudo. Escolho.

A floresta oferece, mas também cobra atenção.

Tornando-me adulto

Quando alcancei cerca de dois anos, já era um adulto jovem.

Meu corpo ganhou força, estou com cerca de 15 quilos e quase meio metro de altura, e tenho quase um metro de comprimento do focinho à cauda.

Meu pelo ficou mais escuro, em tons de marrom-chocolate a marrom-arroxeadado, sem o vermelho de outros veados.

Um tufo escuro na testa me dá uma aparência séria, quase antiga. Sou macho. Por isso, pequenas galhadas lisas e cônicas cresceram na minha cabeça. Elas podem ter até 10 cm, mas não servem para grandes lutas. Nós não somos veados de batalhas longas. Somos veados de silêncio.

Continuo muito solitário. Caminho mais ao amanhecer e ao entardecer, quando a floresta está viva e atenta como eu.

A floresta densa é meu abrigo.

Meu lugar na floresta

Eu não vivo em campos abertos.

Meu mundo é a **floresta fechada**, especialmente aquelas partes que não alagam, onde o chão é firme e a vegetação é densa.

Às vezes compartilho o território com outros veados, como o veado-mateiro (*M. americana*) ou o veado-catingueiro (*M. gouazoubira*), e com queixadas e catetos (*Tayassuidae*).

Cada um aprende a usar a floresta de um jeito diferente.

Quando como frutos, levo sementes para longe.

Sem perceber, ajudo novas árvores a nascer.

Faço parte de algo maior do que eu mesmo.

Sou bioindicador da integridade florestal amazônica.

Crescer não é fácil

Tenho muitos predadores naturais: a onça-pintada, a onça-parda, a jaguatirica e o cachorro-do-mato. Mas, hoje, já adulto e experiente, sei que meus maiores desafios nem sempre vêm dos dentes e garras dos predadores.

A floresta está mudando.

O desmatamento da Amazônia é nossa principal ameaça.

O barulho espanta o silêncio que me protege.

A fragmentação de nossa população.

Doenças chegam com o gado e os cães domesticados.

A caça ilegal ainda é uma ameaça, mesmo para quem vive longe das cidades.

Sou considerado uma espécie que ainda resiste. Mas resistir não significa estar seguro.

Um adulto maduro

Agora, já tenho 10 anos, estou mais velho, e meus passos são ainda mais cuidadosos.

Escolho melhor os caminhos, descanso mais, observo mais.

Se a floresta continuar de pé, posso viver mais de doze anos, talvez até quinze.

Eu não deixo rastros fáceis.

Sou sombra, sou movimento breve,
sou o som seco de folhas se afastando.

Sou o veado-roxo, guardião silencioso da floresta amazônica.

E enquanto houver mata,
minha história continuará sendo contada
no idioma antigo das árvores,
onde só quem escuta com atenção consegue ouvir.

A HISTÓRIA DE GUAZÚ-TI
(*Mazama gouazoubira*)



Veado-catingueiro (*Mazama / Subulo gouazoubira*), © Gisela, Córdoba, Argentina, 2025. Acervo: [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-NC 4.0](#).

MINHA VIDA NA MATA: A HISTÓRIA DE GUAZÚ-TI, UM VEADO-CATINGUEIRO

Meu nome ancestral ainda não é muito escrito em livros, mas os cientistas me chamam de *Mazama gouazoubira*, e por aqui na mata todos me conhecem como **veado-catingueiro** ou **veado-virá** ou **virote**. Vou contar para você como foi crescer neste mundo, desde o dia em que nasci até me tornar um veado adulto, forte e atento aos desafios da vida.

Quando tudo começou

Antes mesmo de eu nascer, fiquei quase sete meses protegido no útero, meu ninho dentro de minha mãe. Ela caminhava silenciosa pelas bordas da mata, comendo folhas, flores e frutos, enquanto eu crescia aos poucos, seguro e escondido.

Quando finalmente cheguei ao mundo, eu era bem pequeno: pesava só meio quilo e tinha quase 30 centímetros de altura!

Minhas pernas eram finas e trêmulas, e meu pelo era marrom com **manchas brancas**, como se fossem raios de sol desenhados no meu corpo. Essas manchas eram meu segredo: ajudavam a me **camuflar** no meio das folhas secas.

Durante os primeiros meses, eu só bebia **leite materno**, que me deixava forte. Quando fiz cerca de **quatro meses**, comecei a experimentar folhas macias, brotos e pequenos frutos.

Minha mãe me ensinou algo importante logo cedo: “*Fique quieto. O silêncio salva vidas*”. Enquanto ela saía para se alimentar, eu ficava escondido, deitado no chão, quase sem respirar.

Muitos perigos rondavam a mata: onças, gatos-do-mato e até cães que vinham com os humanos. E a própria mata estava ameaçada e fragmentada.

Aprendendo a ser um cervo

Com o tempo, minhas pernas ficaram firmes. Por volta dos **seis meses**, minhas manchas desapareceram e eu já conseguia correr rápido entre os arbustos.

Quando completei cerca de **oito meses**, deixei de seguir minha mãe o tempo todo. Era hora de aprender a viver **sozinho** — como quase todos da minha espécie fazem. Eu já estava com mais de 10 quilos e tinha quase 50 centímetros de altura.

Eu explorava diferentes lugares: bordas de florestas, capoeiras, campos próximos à mata e até áreas onde os humanos plantavam suas lavouras. Nós, veados-catingueiros, somos adaptáveis. Nem toda mudança feita pelos humanos nos afeta da mesma forma, mas nem por isso estamos totalmente seguros.

Minha comida agora era variada: folhas, flores e frutos que caíam das árvores.

Eu aprendi a escolher bem o que comer, pois a mata muda conforme as estações.

Tornando-me um jovem adulto

Quando cheguei perto dos **dois anos**, já era um veado adulto jovem. Meu corpo estava crescendo, tinha cerca de 60 centímetros de altura e pesava quase 20 quilos e comprimento de quase 1 metro!

Meu pelo começou a mudar de marrom para tons acinzentados e avermelhados. E, acima dos meus olhos, uma **mancha branca** me dava uma expressão atenta — uma marca registrada da minha espécie.

Como sou macho, comecei a desenvolver **galhadas simples**, pequenas hastes lisas, sem ramificações, com cerca de 10 centímetros. Elas não servem para grandes batalhas, mas mostram que já estou pronto para disputar território e encontrar uma fêmea.

Fiquei mais solitário e passei a marcar meu espaço com cheiros (urina e fezes) e esfregação com arranhões.

Sou silencioso, mas atento. Caminho com cuidado e observo tudo. A vida na mata exige isso.

Muita gente não percebe, mas eu faço parte do equilíbrio da floresta. Quando como frutos, ajudo a espalhar sementes por onde passo. Quando sirvo de alimento para grandes predadores, mantenho a cadeia da vida funcionando.

Eu não mando na mata. Eu faço parte dela.

Veado adulto, veado atento

Agora, já tenho **5 anos**, sou um adulto e experiente, posso viver mais de dez anos, talvez até vinte, se tiver sorte.

Continuo caminhando em silêncio ao amanhecer e ao entardecer, quando o Sol é mais gentil. Evito chamar atenção; a observação e o cuidado são minhas maiores forças.

Eu prefiro viver nas bordas de mata, capoeiras e mosaicos de vegetação. E sou parte das paisagens da Caatinga, do Cerrado, do Pantanal, da Mata Atlântica e até dos Pampas.

Nesses ambientes, tenho que ficar atento a predadores, como a onça-pintada, a onça-parda, a Jaguatirica, o cachorro-do-mato e sofro muito ataques de cães domesticados por humanos.

Enfrento também muitos desafios: a caça ilegal (minha principal ameaça direta), atropelamentos em rodovias que cortam nosso território, a fragmentação de habitat (áreas verdes cada vez menores) e os conflitos com agricultura em nosso território.

Entretanto, com tudo isso, continuo sendo um importante dispersor de sementes, uma base alimentar para grandes predadores e um bioindicador de paisagens em equilíbrio.

Espero chegar a mais de 15 anos e quem sabe, até os 20 anos. Enquanto houver matas, bordas verdes e respeito pela vida selvagem, minha história continuará sendo contada, passo a passo, casco por casco.

Para SABER MAIS!

AZARA Y PERERA, FÉLIX DE. **Essais sur l'histoire naturelle des quadrupèdes de la Province du Paraguay.** Paris (1801). Descreve mamíferos da região do Paraguai e Rio da Prata, incluindo cervídeos como *Gouazoupita* (*Mazama americana*), *Gouazoubira* (*Ozotoceros bezoarticus*) e *Gouazoupoucou* (*Blastocerus dichotomus*). Disponível em https://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1801_Azara_CUL-DAR.LIB.17.pdf

AZARA Y PERERA, FÉLIX DE. **Apuntamientos para la Historia Natural de los cuadrúpedos del Paraguay y del Río de la Plata.** Madri (1802–1805). Versão ampliada de estudos sobre quadrúpedes, com observações de campo feitas por Azara durante seus 20 anos na América do Sul.

AZARA Y PERERA, FÉLIX DE. **The Natural History of the Quadrupeds of Paraguay and the River La Plata.** Tradução inglesa (1837) baseada nos trabalhos anteriores. Tornou as descrições de Azara conhecidas, influenciando naturalistas como Darwin.

AZARA Y PERERA, FÉLIX DE. **Voyages dans l'Amérique Méridionale,** Paris, 1809. Disponível em <https://archive.org/details/voyagesdanslamri14azar/page/n6/mode/1up>

BARTOLOMÉ MITRE, DON (General) e algunas notas por el Dr. D. Juan Maria Gutierrez. **Viajes inéditos de D. Félix de Azara.** Buenos Aires, 1873. Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Viajes_ineditos_de_D._Felix_de_Azara.pdf

COLONESE, P. H. **Céus astro-culturais: Jaguar, Lagarto, Jacundá Camarão de Rio e Veado**. Paulo Henrique Colonese (Org.). Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2021. Coleção Culturas Estelares; v. 1. Disponível em https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/CulturasEstelares2021vol1.pdf . .

SILVA, B. dos S.; BRISSI, D. A.. **Constelações indígenas brasileiras**. **Pindorama Ciência**, Ano 3, Vol. 3, 2023. Disponível em: https://www.pindoramaciencia.com.br/artigos/2023_constelacoesindigenas/index.html.

BONA, Aline dos Santos. **Biologia e conservação do veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*)**. Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, 2002.

DUARTE, José Maurício B.; VOGLIOTTI, Alexandre; ZANETTI, Eveline dos Santos; OLIVEIRA, Márcio Leite de; TIEPOLO, Liliani Marília; RODRIGUES, Lilian Figueiredo; ALMEIDA, Lilian B. de; BRAGA, Fernanda G. **Avaliação do Risco de Extinção do Veado-campeiro *Ozotoceros bezoarticus* no Brasil**. Instituto Chico Mendes Biodiversidade Brasileira, 2012, Ano II, Nº 3, 20-32.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização: Rita Carelli. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FOLHA DE S. PAULO. **Veado-campeiro: velocidade nos Pampas**. Coleção Folha: Fauna Brasileira para Crianças. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2012.

AZEVEDO, Natália Aranha de; OLIVEIRA, Márcio Leite de; DUARTE, José Maurício Barbanti. **Guia ilustrado dos cervídeos brasileiros**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Mastozoologia, 2021. 41 p. Disponível em <https://doi.org/10.32673/9788563705037>.

Projetos e Instituições para a conservação de espécies de cervídeos

Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (NUPECCE) da UNESP, em Jaboticabal, SP). Realiza pesquisa científica, reprodução, genética, manejo in situ e ex situ, e educação ambiental. É o maior centro de conservação de cervídeos da América Latina; e trabalha com todas as espécies brasileiras, especialmente: o cervo-do-pantanal, veado-campeiro, veado-mateiro, veado-bororó, entre outros. Site oficial: [NUPECCE – UNESP](#)

PAN Cervídeos / PAN Ungulados, da ICMBio, Governo Federal. Atua no planejamento e coordenação de ações nacionais para conservação de cervídeos ameaçados. Criou o Plano de Ação Nacional para Cervídeos e o Guia de Manejo Emergencial de Cervídeos (PDF): [\[gov.br\]](#).

PROCERVO – Programa de Conservação do Cervo-do-Pantanal, coordenado pelo Instituto Curicaca (RS). Atua na proteção da população relictas de cervo-do-pantanal no sul do Brasil. E também na conservação direta, educação ambiental, políticas públicas e sustentabilidade. [PROCERVO – Instituto Curicaca](#)

AUTORES



Olá, sou **Paulo Henrique Colonese**, e atuo no Museu da Vida Fiocruz, Rio de Janeiro.

Minha família é da cidade de Pacatuba, Ceará, próximo ao Território Indígena do povo Pitaguary, o que descobri recentemente.

Eu fui alfabetizado por professores leigos em Fortaleza e depois me mudei para a cidade do Rio de Janeiro. As ciências físicas e matemáticas sempre me interessaram, e me apaixonei pela história da ciência já em minha adolescência.

Na universidade, conheci o campo da educação e popularização da ciência, participando do Espaço Ciência Viva, museu interativo criado em 1982. Desde então, participo de projetos multidisciplinares que envolvem ciência, educação, história e arte, voltados para formação de educadores em escolas e em museus.

Ao final da década de 1990, passei a atuar no Museu da Vida Fiocruz, participando da criação do Parque da Ciência e atualmente atuo no programa Ciência Móvel, uma exposição interativa que viaja na região sudeste do Brasil.

Na última década, tenho coordenado o Planetário Ciência Móvel, desenvolvendo projetos na linha de Astronomia Cultural, com estudos e trabalhos sobre os céus de povos indígenas do continente americano e africano.

Esse volume busca aproximar estudos de diversos pesquisadores da Astronomia Cultural a educadores e público infantil e juvenil, ampliando as ações do Planetário Ciência Móvel.



Olá, sou **Izabela Cristina Bittencourt Rodrigues**,
pesquisadora em Astronomia Cultural.

Desde criança, busco entender os mistérios da natureza e, desejando conhecer cada vez mais sobre as diversas formas de vida da Terra e suas complexas relações com o ambiente, iniciei uma jornada de estudos sobre ciências naturais e culturas.

Nas universidades que frequentei, descobri os encantos das diferentes áreas do saber e aprendi a criar pontes entre ciência e cultura, compreendendo que, desde muito tempo, povos de diferentes lugares observam a natureza, incluindo o céu, e criam histórias para explicar seus mistérios, ligando esses saberes à tradições, crenças e modos de vida.

Atualmente desenvolvo pesquisas e práticas de ensino que unem Arte, Cultura e Ciências. Ao perceber as relações entre os distintos saberes, comecei a me colocar como aprendiz e educadora em todas as experiências profissionais que envolvem o ensino de ciência. Dessa forma, descobri na educação um caminho de integração de conhecimentos capazes de promover o respeito às distintas formas de ser e de saber, um caminho que possibilita a partilha das compreensões científicas e culturais dos mistérios que nos cercam.



Olá, tudo bem? Meu nome é João Gabriel Souza da Silva, nasci em São Gonçalo, mas fui criado a vida inteira em Magé.

Sou formado em Produção Audiovisual pelo Colégio Estadual Dom Pedro II, cursei Letras (Português-Inglês) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, agora, sou aluno de mestrado em Estudos Literários também na UERJ.

A minha paixão pela Literatura não tem muita explicação. Eu passei a ler bastante depois que entrei na faculdade e acredito que esse amor tenha surgido aí. Desde então, gosto de me debruçar sobre livros até o ponto de debater comigo mesmo sobre o assunto abordado no texto (tentem, é um bom exercício).

Para mim, a Literatura é uma ferramenta que não se limita apenas ao que conhecemos tradicionalmente, como os livros clássicos. Pelo contrário, ela pode estar em diversas outras áreas, como estamos vendo aqui neste texto sobre a vida de Tapir, a anta terrestre.

Esse é o belo da Literatura. Aliada à Ciência e à Cultura, elas podem te levar a lugares e tempos para além do cotidiano e local.

Capa: Cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), © Carincris,
Miranda, Mato Grosso do Sul, 2025. Acervo [iNaturalist](#). Licença: [CC BY-NC 4.0](#).